ANNO I — S. João d'El-Rei, 24 de Janeiro de 1886 — N. 19

O DOMINGO

PARA A CIDADE
Anno........ 6$000
Semestre..... 3$000

Redactores — Jorge Rodrigues e José Braga

PARA FÓRA
Anno..... 6$000

Escriptorio da redacção—Praça das Mercês, n. 7

O Domingo

24 de Janeiro de 1886

Actualidades

DEIXEMOS em paz as eleições e os srs. politicos. O resultado do pleito em todo o imperio, conforme os jornaes annunciam, vem apenas corroborar o celebre dito do sr. Gaspar Martins :—O Poder é o Poder.

Emquanto se elegem 70 conservadores em primeiro escrutinio, oito ou dez liberaes apparecem victoriosos... e isto mesmo com umas sombras de contestações a ameaçar-lhes implacavelmente a legitimidade do triumpho.

O governo, entretanto, absteve-se de intervir na luta. Seguramente, o que se diz pressão official não chegou a haver com os apparatos do costume. Mas, o caso é que a maioria é dos que serram de cima.

O nosso povo tem uma paixão irresistivel pelos automedontes do carro governamental.

Deixemos, deixemos o movimento eleitoral e mais os seus coripheus na santa paz do Senhor. Saiam eleitos os augustos representantes e lá na Cadêa Velha tratem de fazer alguma cousa em beneficio deste malaventurado Brazil.

—

Vamos conversar um pouco sobre outro assumpto.

Completam-se hoje um seculo e dous annos que desappareceu da terra o laureado poeta brasileiro, Fr. José de Sancta Rita Durão. Falleceu em Lisbôa, no convento de sua Ordem, que era a dos eremitas de S. Agostinho.

Sentimos dizer que o nome desse poeta illustre não é dos mais falados entre a maioria dos actuaes cultores das lettras patrias, e, no emtanto, elle merecia todos os applausos fervidos, todas as preconisações sinceras das gerações que lhe succederam.

O poema épico *Caramurú* constitue por si só um valioso pa[illegible] de gloria para a litteratura brasileira, onde outro não se encontra superior na originalidade das descripções, na opulencia das rimas sonorosas, na precisão das tinctas com que o seu auctor pintou tantos primores deste paiz, na superioridade, em summa, com que elle desenvolveu em versos maviosos e correctos a esplendida concepção, que o immortalisou.

Um dos mais distinctos criticos portuguezes disse que Durão deve ser considerado o fundador da poesia brasileira.

De facto, o inspirado autor do poema do descobrimento da Bahia, afastando-se de todos os moldes europeus, imprimio uma nova face á poesia nacional, seguindo um caminho aberto pela sua propria inspiração.

Aproveitando um successo que se lhe antolhava cheio de grandezas e no qual elle divisou os prenuncios de um futuro de prosperidades para o Brazil, foi o primeiro a erguer, no soberbo poema que compoz com os mais santos enthusiasmos e as mais vivas crenças, uma homenagem verdadeira ao altar da patria estremecida, que ainda hoje deve desvanecer-se com essa producção genial de tão illustre filho.

Dizem alguns de seus criticos que Santa Rita Durão deixou-se influenciar muito pela Iliada; outros sustentam merecer elle censura por ter elevado ás proporções épicas o caso do *Caramurú*, meramente descriptivo; outros ainda increpam-no de não ter bom gosto, de não combinar o pensamento da obra com a linguagem fluente e, quasi sempre, grandiloqua de que usa, dispensando excessivos cuidados á forma. Mas, o certo é que a maioria dos apreciadores adiantados e insuspeitos do emerito cantor, são unanimes em proclamal-o o primeiro poeta genuinamente nacional.

Um dos nossos mais distinctos escriptores modernos, escrevendo sobre elle, defendeu-o perfeitamente nestas linhas :

« — Imaginoso, exuberante, cheio de vigor, ardente, apaixonado, possuido e dominado pelas impressões do Bello, não sabia, ou não podia comedir-se deixando se arrastar pelas garras da inspiração fogosa e desordenada. »

A influencia exercida no espirito do poeta pela leitura do poema de Homero, é uma cousa naturalissima, e não têm absolutamente razão os que o exprobam por isso.

O genio de Homero, diz o illustre A. Henry, preside ha trinta seculos os destinos de todas as litteraturas do mundo. Não só os poetas épicos, continúa o autor da *Histoire de la Poésie*, deveram seus maiores primores ao genio desse poeta sublime; os mais celebres artistas antigos e modernos foram nelle encontrar as suas mais bellas concepções.

Já se vê que os defeitos, que procuram descobrir na obra monumental de Sancta Rita Durão, desapparecem entre as notaveis bellezas, o estylo atrahente, o colorido admiravel e, sobretudo, o cunho de originalidade que

o poeta manteve desde o principio até o fim do seu poema.

Quando reinou na côrte aquella febre de centenarios, festejando-se ruidosamente Camões e o Marquez de Pombal — Pombal, o grande despota! — eu tive occasião de escrever um artiguinho, lamentando que o 24 de Janeiro de 1884, primeiro centenario do fundador da nossa poesia — passasse esquecido, numa ingrata e fria indifferença.

Hoje que mais um anno se completa, recordando a morte do illustre cantor do *Caramurú*, sinto-me ainda pezaroso com a injustiça dos brasileiros, tão faceis em festejar alheias glorias, e aproveito este espaço d'*O Domingo* para render á memoria de Frei José de Sancta Rita Durão o tributo humilissimo de minha veneração sincera e cordial.

JORGE RODRIGUES.

Frei J. de Sancta Rita Durão

A DATA de hoje recorda a morte do autor do *Caramurú*, do grande epico brasileiro, que é uma gloria do nosso paiz e, especialmente, desta provincia d'onde era natural. O pequeno arraial de N. S. de Nazareth do Infeccionado, que se estende a quasi quatro leguas da cidade de Marianna, foi o berço do poeta, que ahi vio a luz do dia pelos annos de 1719 a 1720.

Professou, aos 18 annos, a regra de S. Agostinho, em Lisboa, no convento da Graça. Era doutor em theologia pela universidade de Coimbra e por seus grandes meritos obteve na sua Ordem o importante grão de Mestre. Esteve algum tempo em Hespanha, onde chegou a ser preso por suspeitas de que era espia, durante a guerra com Portugal. Recuperando a liberdade foi refugiar-se na Italia, voltando mais tarde para o seu convento, em Lisboa. Publicou diversas obras sacras muito estimadas e em 1781 imprimio o celebre poema, que conta actualmente cinco edições.

Delle extrahimos as seguintes bellissimas estancias em que o poeta descreve as tribus selvagens com os seus chefes á frente, dispostas a romper a pugna terrivel:

—

Em seis brigadas da vanguarda armados
Trinta mil Caetés vinham raivosos,
Com mil talhos horrendos deformados,
No nariz, face, e bocca, monstruosos:
Cuidava a bruta gente que espantados
Todos de vel-os fugirão medrosos,
Feios como Demonios nos acenos,
Que certo si o não são, são pouco menos.

Da gente fera, e do brutal commando
Capitão Jararáca eleito veio,
Porque na catadura o gesto infando
Entre outros mil horrendos é o mais feio:
Que uma horrivel figura pelejando
E' nos seus bravos militar aceio,
E faz entre elles gala de valente
Quem só co'a cara faz fugir a gente.

. . . .

Cupaiba, que empunha a feral maça,
Guia o bruto esquadrão da crua gente;
Cupaiba, que os inimigos que abraça,
Devora vivos na batalha ardente:
A' roda do pescoço um fio enlaça,
Onde, de quantos come, enfia um dente;
Cordão, qu'em tantas voltas traz cingido,
Que é já, mais que cordão, longo vestido.

. . . .

Seguem-o'o dez mil Maques, gente dura,
Que em cultivar mandioca exercitada,
Não menos util é na Agricultura,
Que valente em batalhas co'a espada:
Tomaram estes, como proprio cura,
De viveres prover a gente armada;
Quaes torravam o aipi; quem mandiocas;
Outros na cinza as candidas pipocas.

. . . .

Seguia-se nas forças tão robusto,
Quanto no aspecto feio, em traje horrendo,
Hum, que com fogo sobre o torpe busto
Dois tigres esculpira combatendo;
Este é o bravo Tatú, que enche de susto
Tudo, c'o gran tacápe acommettendo,
E que, mil cutiladas dando espessas,
Derriba troncos, braços e cabeças.

Debaixo do seu nome em dez fileiras
Doze mil Itatis formados iam,
Surdos, porque habitando as cachoeiras
Com o gran rumor d'agua ensurdeciam;
Pendem os seus marraques por bandeiras
De longas hastes que pelo ar batiam,
Supprindo nos inconditos rumores
O ruido dos bellicos tambores.

Em guerreiras columnas feroz gente
Que no horror da figura assombra tudo,
Trazem por armas uma maça ingente
Tendo de duro lenho um forte escudo;
Frechas, e arco no braço armipotente,
Nas mãos um dardo de pau santo agudo,
Sobre os hombros a rêde, á cinta as cuias,
Tal era a imagem dos crueis Tapuias.

FR. SANCTA RITA DURÃO.

(Do *Caramurú*)

Pau que nasce torto...

INDIVIDUOS ha que se mostram inteiramente rebeldes a conselhos e aos mais energicos correctivos, dando logar a que se acredite na existencia de organisações desde o berço fadadas ao vicio, do qual lhes será impossivel fugir, porque para elle são impellidas por uma força mais poderosa que sua vontade, contra a qual inutilmente se empregarão todos os meios de acção.

Vendo se revoltarem elles contra tudo que se lhes oppõe e proseguirem em seus desatinos, os que por elles se interessam, desejando sua completa regeneração, perdem a esperança de a ver um dia, porque a julgam de todo irrealisavel.

Ignorando a influencia do meio sobre o espirito do homem e desconhecendo o modo de combatel-a, oppoem-lhe uma resistencia imprudentemente dirigida, da qual raras vezes podem provir os resultados desejados e, lamentando a inefficacia de seus esforços, attribuem ao Destino a continuação dos desvarios, que em vão tentaram reprimir.

Procurando suffocar sentimentos que se desenvolveram com o auxilio de circumstancias favoraveis e se enraizaram profundamente no espirito que os concebeu, servem-se alguns da violencia, esquecidos de que a ella mais facilmente se seguirá a revolta que a submissão; e, não obtendo os fins desejados, deixam de luctar contra o mal, em vez de empregar esforços que sejam mais bem compensados.

O vicio, sendo a principio facil de se destruir, desde que seja convenientemente combatido, vai com o correr dos tempos se assenhoreando do espirito do homem, dirigindo-lhe todos os actos, tomando, emfim, o caracter de habito; e a isto chegando, difficilmente será extirpado, porque resistirá a todos os meios para isto empregados.

Como a planta que, devido ás condições do solo, se desenvolve, apresentando no caule irregularidades, que facilmente poderão ser combatidas a principio, sendo impossivel mais tarde, o individuo, submettido á influencia perniciosa das más companhias ou dos maus livros, seguirá o caminho que lhe traçarem as suas impressões, do qual jamais se afastará, si d'elle não tentarem desvial-o em tempo.

Considerando d'este modo os factos, que lhe são fornecidos diariamente, o vulgo, ao ouvir episodios, que lhe são narrados, pondo-se em evidencia a vida incorrigivel de um individuo, responde invariavelmente com a sentença —*pau que nasce torto tarde ou nunca se endireita.*

B.

Ainda uma vez

Estamos cançados de reclamar contra o procedimento de alguns dos srs. agentes do correio e nada temos conseguido, pois quasi diariamente chegam-nos reclamações de assignantes e de collegas de imprensa aos quaes não tem sido entregue a nossa folha.

Nada mais diriamos a este respeito, na certeza de que não se entende com esses senhores a efficacia do —*clama itaque, clama ne cesses*— si não nos tivesse indignado uma prova eloquentissima de ser o serviço do correio desempenhado em algumas agencias por individuos que propositalmente ou por falta absoluta de aptidão deixam de cumprir os seus deveres. E' o caso:

UM MAÇO DE EXEMPLARES DO N. 18 DE NOSSA FOLHA, REMETTIDO PARA A CORTE NO DIA 17 DO CORRENTE, EM VEZ DE LA FICAR, VOLTOU A ESTA CIDADE NO DIA 21, EMBORA ESTIVESSE CLARAMENTE DETEMINADA A SUA DIRECÇÃO ! ! !

Não denuncia este facto o atropellamento que reina em algumas agencias, onde o serviço é feito inconscientemente, resultando disto serem cartas e jornaes remettidos para logares differentes d'aquelles a que são destinados, quando não ficam esquecidos a um canto, engrossando as collecções da *casa*? Não haverá um meio de se evitar a reproducção d'estes desmandos, de que muitas vezes resultam graves prejusos para aquelles que são victimas d'elles?

Providencias, providencias, senhor dr. director geral dos correios, conservai-os ou não, mas livrai-nos, senhor, de todo este mal.

Amen.

Bençãos

Iamos hontem rindo, descuidosos,
nas alamedas do jardim, passando
os euros do crepusculo iam,—levando,
do dia os rotos véos esplendorosos.

Mostrava o espaço nos quadros radiosos
de immaculado azul sereno e brando,
— emquanto, a rir, seguiamos, falando
nos nossos aureos sonhos luminosos.

Longe — olhavam-me os cravos, perto,—
as rosas
segredavam ás dhalias... invejosas
dos meus afagos, do teu rosto lindo...

—E aos vagos sons de um ideal descante,
julguei sentir em nosso amor constante
divinas bençãos d'amplidão cahindo...

JORGE RODRIGUES

A comedia da morte

Um bello dia a morte bateu á porta da familia Pimenta.

E' uma d'essas visitas desagradaveis que não ha remedio senão deixar entrar.

Entrou. Sentou-se á cabeceira do pai Pimenta, teve com elle um doloroso colloquio, que durou um mez, e que o encheu de dôres, de causticos e de visitas de medico; e só sahiu quando o viu fechar para sempre os olhos ás cousas do mundo, e os ouvidos duros ao choro desafinado das meninas Pimentas, que se viam agora sós no mundo, ou antes peior do que sós, mal acompanhadas, com uma tia tutora, que vivia lá para o Alemtejo, e que viera a Lisboa para as levar para a sua triste charneca, quando os gatos pingados lhe levassem o pai para a inevitavel cova.

O sujeito mais grotesco d'este mundo tem sempre, depois de cadaver, uma certa solemnidade lugubre, que torna a sua casa em theatro de acontecimento importante.

A casa das meninas Pimentas transformou-se completamente com a doença grave do pai. Tomou uns ares de hospedaria das pessoas de amizade.

Theodolinda e Alvaro metteram-se-lhes em casa logo que constou que o enfermo estava perigoso.

No dia immediato foi a menina Guerreiro, solteira, que veio installar-se na casa de jantar.

No outro dia o sr. Silva, sua esposa e o primeiro fructo dos seus amores acamparam na sala.

O sr. Barata correu a dar mil desculpas de os não poder acompanhar n'aquelle transe doloroso.

—O commercio invade-nos, minhas senhoras: a minha madama faz votos pelas melhoras do senhor seu pai, mas tem de acabar por estes quinze dias o enxoval da viscondessa. E' a ordem do mundo: uns casam com a viscondessa, outros casam com a morte. Então... conformidade... a Deus nada é impossivel... A minha madama não pode vir fazer-lhes companhia... Eu, seu esposo, tenho os deveres sagrados de conjuge... mas venho cá jantar todos os dias, para as não deixar sosinhas, com as suas lagrimas, n'este lance angustioso por que passam as primaveras da sua mocidade...

E pespegou-se lá a jantar todos os dias.

O primo noticiarista ia ás noites depois dos theatros e das cêas, saber noticias do velho... entrava ás duas e tres horas, e ficava até pela manhã a cochichar com Theodolinda a um canto, em quanto Alvaro dormia na cozinha por causa do Alviella.

Mais duas pessoas dedicadas nas suas relações, e as meninas Pimentas morreriam de fome antes de seu pai deixar o mundo.

Por fim, uma noite estavam todos na sala a discutir, com observações picantes, o procedimento de Theodolinda, que dormitava vestida no colchão das meninas Pimentas, na cozinha, quando o choro ruidoso da tia do Alemtejo que estava no quarto do moribundo veio interromper a conversação.

Correu tudo ao quarto.

O velho acabava de expirar.

Desatou tudo n'um berreiro de lagrimas que alvoroçou o predio.

Theodolinda acordou estremunhada: poz o ouvido á escuta e percebeu logo o que era.

Alvaro dormia ao seu lado. Deu-lhe um valente encontrão.

— O que é? o que é? perguntou Alvaro, acordando sobresaltado.

— Morreu o Pimenta.

— Ah! coitado! E voltou-se para o outro lado.

Theodolinda. — Levanta-te, homem!

Alvaro (*seccado*). — Para que? Nós não lhe vamos dar vida. Tenho d'ir amanhã cedo para o escriptorio. Olha, dorme tambem e finge que não ouviste.

Theodolinda. — Estás doudo! Anda, filho, põe-te em pé. Vamos para lá chorar, senão parece mal.

Alvaro (*levantando-se e enfiando as calças*). — Oh que massada... Porque não havia este homem de morrer de dia!

Theodolinda (*entrando no quarto do morto*). — O que foi? Ih! ih! ih! (*Atira-se ao pescoço da primeira pessoa que encontra*).

Alvaro (*seguindo-a de mau humor*). — Então... meninas... resignação... elle não havia de ser eterno.

A menina Pimenta mais nova. — Meu pobre pai! coitadinho! Ainda me parece impossivel!

A mais velha. — Ficamos sem pai e sem pão... Ih! ih! ih!...

A tia. — Meninas, emquanto tiverem sua tia, nunca lhes ha-de faltar cousa alguma.

A menina Pimenta mais nova. — Muito obrigada, minha tia, o peior é elle faltar.

A mais velha. — Sim, sim, uma cousa é estar na nossa casa, outra andar ás sopas dos parentes.

A sra. Silva. — Olhem, filhas, a minha casa, emquanto não tiverem outra, está ás suas ordens.

O sr. Silva abaixa a cabeça em signal de assentimento.

Theodolinda. — Eu não offereço a minha por ser muito pequena, mas assim mesmo...

A tia. — Nada, eu sou sua tutora, ellas hão-de vir commigo para minha casa.

A menina Pimenta mais velha. — Vão nos metter no fundo d'uma aldêa! meu pobre pai!

A tia (*sentada*). — Eu lá tenho vivido desde os quinze annos, graças a Deus...

N'isto sente-se uma forte campainhada na porta. Um «quem será?» dito em côro, veio interromper as lagrimas e a discussão.

Theodolinda correu á porta.

Alvaro aproveitou o ensejo para voltar para a cama: e a menina Pimenta mais velha continuou a resmungar em voz baixa contra o Alemtejo, ao passo que a tia lhe vibrava olhares furibundos, tratando de pôr fóra do quarto as outras senhoras para não se estarem a mortificar mais com o triste espectaculo.

D'alli a muito tempo, quando já ninguem se lembrava de que tinham batido á porta, entrou pela casa a dentro o primo noticiarista, cheio de palavras de consolação, e Theodolinda atraz delle toda chorosa.

— Nosso Senhor não ouvio os nossos rogos, disse resignada a Pimenta mais nova.

— Isto são as leis fataes da materia, minha senhora, respondeu com ares superiores o primo noticiarista: quando a vida acaba, o ser humano tem de morrer.

A tia. — Tem muita razão, sr. Affonso Henriques, a morte é o fim de tudo.

O primo. — De tudo não. A materia é infinita no tempo e no espaço, provamol-o empiricamente. A minha ultima prelecção no curso superior foi a esse respeito. A materia, minha senhora, a materia e a força...

A tia (*interrompendo*). — E o enterro, sr. Affonso Henriques? Parecia-me bem tratar do enterro.

— Exactamente, murmurou uma voz surda e lacrimosa no limiar da porta da casa de jantar.

— Ai, meu Deus! o que é isto? gritam assustadas as senhoras.

— Sou eu, minhas senhoras, diz entrando gravemente e de lenço na mão o sr. Barata: o medico disse-me ainda agora que o sr. Pimenta estava agonisante e antes de recolher ao meu domicilio vinha saber d'elle.

O chôro recomeça no auditorio e a Pimenta mais velha pergunta a Affonso Henriques:

O senhor deixou a porta aberta?

O sr. Barata. — Os tristes prantos que banham todos os rostos desvendaram-me toda a verdade... (*Chora*) finou-se o meu nobre amigo. (*Outro tom*) Mas agora cessem as lagrimas... minhas senhoras e permittam-me que n'este momento solemne paraphraseie um grande dito. O marquez de Pombal, o excelso estadista, disse depois do tremendo terremoto que assolou Lisboa: «Agora é enterrar os mortos e cuidar dos vivos». Vamos ao enterro.

A Tia. — Sim, um enterrosinho decente, mas não muito caro.

Affonso Henriques. — Perdão, o enterro fica por minha conta.

As meninas Pimentas. — Obrigadissimo, sr. Affonso Henriques! nunca esqueceremos esse obsequio.

Affonso. — Oh! minhas senhoras não me cu[illegible] nada: hei de fazer um enterro com toda a pompa — é o ultimo dinheiro que gastam com elle.

A Pimenta mais velha (*desapontada*). — Ah! isso não; um enterro modesto... meu pai despresava as grandezas do mundo.

O sr. Barata. — Era um heroe. Até nesse desprendimento se parecia commigo. (*Ouve-se um ruido na cozinha*). O que vem a ser isto?

Theodolinda fez-se vermelha como um pimentão.

A menina Guerreiro (*indo ver e voltando*). — E' o sr. Alvaro que está a resonar.

O sr. Barata. — A resonar quando uma familia geme. (*Reparando em Theodolinda*). E' verdade que elle tem muito trabalho, e o homem é de barro.

Affonso Henriques (*altercando com a mais velha*). — Isso de fórma alguma. Não consinto que n'uma casa onde eu venho se faça um enterro menos *chic*. As noticias para os jornaes incumbe-me eu d'ellas.

O sr. Barata (*interrompendo-o*). — Dá-me uma palavra, sr. Affonso Henriques? (*Leva-o para um vão de janella*). Quero pedir-lhe um obsequio... Como sabe, prendiam-me ao finado, que hoje todos choram, os estreitos laços da amizade, e como o meu talentoso amigo é jornalista, pedia-lhe o favor de me fazer inserir isto n'uma folha mais lida... (*Dá-lhe um papel*).

Affonso. — O que vem a ser isto?

O sr. Barata. — E' um necrologio saudoso para ser agradavel á memoria d'aquelle que perdemos... Prevendo este triste desenlace... escrevi-o n'uma hora de ocio... por saber que depois d'elle morto a commoção me embargaria a penna... Se me permitte eu lh'o leio:

> Ouves ao longe o retumbar da serra
> O som do bronze que nos causa horror?
>
> Cesar de Lacerda.

Já não pertence ao numero dos vivos Flaminio Silverio Pimenta!...

A parca implacavel que, com a sua fouce negra e affiada, não pou-

ps jovens nem anciãos, nem a frontes das donzellas, nem o sceptro dos reis, ora estendendo a garra sobre o peito da creança, ora cravando o dardo peçonhento no peito immaculado da virgem, acaba de prostrar mais um nobre athleta do trabalho! Sim, do trabalho, este fecundo manancial da vida! do trabalho que é o *numen* das sociedades modernas, e que tanto tem feito em prol da civilisação, quer na velha Roma barbara, quer nas modernas sociedades christãs e entre ellas entra em linha de conta o nosso bom Portugal, este abençoado torrão da Peninsula que se rege pela carta constitucional outhorgada pelo immortal dador, já fallecido.

Morte! Morte! Porque és assim cruel? Tu não sabes que deixas na orphandade inconsolavel, duas innocentes donzellas, a quem esse que acabas de prostrar adornou com todas as prendas proprias do seu sexo? Tu não sabes que deixas orphãos, d'um bom amigo, tantos amigos no seio dos quaes esse venerando ancião repousava a fronte callejada do trabalho?

Morte! Morte! Modera os teus furores! Vai arrastar a aza negra para os longinquos confins da terra, aonde não faças damno á sociedade culta; e já que é impossivel n'este transe remediar os teus estragos, permitte que eu approximando-me do tumulo do que alli jaz sepultado, brade de pé, respeitosamente como o propheta Isaias: «Só Deus é grande, e depois delle só é respeitavel o poder da Providencia»; repetindo ao mesmo tempo para consolo e alento dos que ficam, a phrase sublime de Pelletan — *Le monde marche.*

GERVASIO LOBATO.

Novas e notas

Nova pharmacia

No dia 17 do corrente abrio-se á rua Duque de Caxias n. 9 a pharmacia do nosso estimavel amigo e distincto collaborador Antonio Augusto Campos da Cunha.

O provado talento e a dedicação ao estudo do joven pharmaceutico alliados aos seus sentimentos nimiamente generosos, e á sympathia que a todos sabe inspirar, faznos augurar ao novo estabelecimento um futuro de prosperidades.

Tudo alli está montado com apuro caprichoso, o que prova ter o Campos da Cunha, além do mais, um bom gosto *nec plus ultra*...

Desejaremos muito não nos utilisar dos prestimos e habilidades do nosso amigo, mas, com franqueza, um remediosinho preparado no laboratorio do Campos hade ser uma cousa mesmo boa... para os enfermos. Estes que experimentem.

Nós nos contentaremos em experimentar... um prazer enorme pelas felicidades que o amigo fôr conseguindo.

Theatro

SABBADO, 16 do corrente, a *troupe* do Augusto Maia levou á scena o drama em 3 actos, *Maria, a engeitada.*

Como todos esses dramas arranjados por uns tantos dramaturgos, que por ahi temos feitos, ás pressas, unicamente no intuito de pôr em evidencia o talento dessas meninas que mostram aptidão para o palco, *Maria, a engeitada* não tem quasi valor como trabalho litterario. E' um conjuncto de algumas scenas de effeito... e de muitos defeitos.

Tomam parte cinco personagens. A protogonista tem um papel sympathico e trabalhoso, e aos outros cabem papeis igualmente importantes.

O estylo do drama não tem fluencia, a phrase vem sempre fria e, por vezes, monotona. Alem disso o autor é um tanto... excentrico. Um exemplo, ao acaso:—Pedro é um homem, senão rico, ao menos arranjado. Tem a sala de visitas cheia de cortinados e a mobilia toda coberta de lindissimos *crochets*, etc. No entanto, toca a campainha uma, duas vezes, chega a irritar-se, toca a terceira vez—apresenta-se sua mulher, para receber suas ordens! O jantar está na meza; vem a dona da casa participal-o. Ora isso é pouco commum e até ridiculo. Demais, uma mulher de caracter altivo e sentimentos crueis e indomaveis como o autor fez Joanna, não se comprehende como se sujeita ella voluntariamente á condicção de serva.

Outra cousa:—No fim de um dos actos, o segundo, parece-nos, Joanna exclama ao vêr o marido desmaiado:

—Castiguei-a e vinguei-me! O espectador jámais consegue saber quem soffreu o castigo e nem tampouco qual foi a vingança.

Outro *senão* do drama é o uso e o abuso de comparações entre as pessoas e as flores, entre a vida do homem e a das plantas... Não ha alli, por assim dizer, uma *fala* em que não appareça um — tenro arbusto, uma rosa desfolhada pelo tufão, ou cousa que o valha. Tinha decidida vocação para botanico, o autor da *Engeitada.*

Isto é o que nos vem á lembrança agora, apenas; não temos tempo de fazer uma analyse da peça, que tem muito que retocar.

Sobre o seu desempenho tambem não temos muito a dizer.

Ninica, a interessante protogonista, esteve na altura dos encomios, que já lhe têm sido fartamente prodigalisados.

O Maia, sempre o mesmo. Estudioso e correcto.

A' d. Amelia foi confiado um papel pequeno, que ella desempenhou com aquella graça attractiva e aquella *pose* insinuante que a torna sempre apreciavel.

D. Adéle não foi muito mal no seu papel de mulher traidora e má; o que tem contra si é a voz impossivel; as palavras sahem-lhe sempre dos labios com um abatimento de 50 0/0.

Luiz, uma das principaes figuras do drama teve por interprete o sr. José Bretas, esse terrivel Bretas dos grandes bigodes ruivos *á la diable.*

O sr. Bretas tinha no *Luiz* um papel magnifico para rehabilitar-se dos anteriores fiascos. Não quiz.

Aquelle bigode é que é o culpado, por força. Pois um matagal d'aquelles a roubar a attenção de um homem... é fazel-o não attender a nada mais neste mundo.

Estamos quasi a chamal-o em lugar de actor Bretas, — Bretas Bigode: porque, de resto, elle vive a bigodear o Respeitavel. Numa das principaes scenas do drama o homem poz-se a dizer mui convencido, como um facto consummado e natural, que o marido de Joanna era amigo d'ella e marido d'elle!! e, querendo talvez corrigir, affirmou de novo que o Pedro era seu amigo, *d'elle*, e que de Joanna era amigo.

Sr. Bretas, mais estudo e menos bigode.

A comedia *Amor por anexins* correu bem. O Maia fez rir á larga.

—

O espectaculo da noite seguinte, 17 do corrente, foi variado e bom.

Fomos privados em grande parte d'elle, da imponente figura do actor Brêtas e de seus bigodes marciaes, mas em compensação surgio, na zarzuella—*A Bailarina*—, um novo artista—a antithese em carne e osso do outro.

O Brêtas é alto, elle é baixo; aquelle é de uma economia sordida quanto a gestos e este é de uma prodigalidade pasmosa.

Não lhe sabemos o nome, infelizmente.

De uma actividade prodigiosa, percorre o palco em diversas direcções, agita-se, pula, faz o diabo e fala, mas ninguem pode perceber metade do que elle diz, porque sahem-lhe as palavras ás pressas vertiginosamente como se elle estivesse sobre brazas.

Mas tem uma vantagem o homem: — possue uma figura ante a qual é difficil a uma platéa se conservar sem estorcer-se em gargalhadas convulsas.

Será esta a ultima sorpresa que nos reserva o *Grupo Dramatico* ou haverá mais alguma?

O Bretas portou-se melhor desta vez na zarzuella—*O homem é fraco*.—Mostrou-se um pouco mais enthusiasmado que de costume e, si não fora a parte cantante de seu papel, poderiamos affirmar que se sahio ás mil maravilhas.

A continuar assim, isto e, revelando esforço por identificar-se melhor com a natureza dos papeis que lhe são confiados, esperamos vel-o em breve com direito a elogios somente.

Para isso, receitamos-lhe *ar scenico* (Ui!) em grandes doses e frequentemente.

Nupcias

CONSORCIARAM-SE na côrte, no dia 24 do passado, o nosso intelligente amigo Olegario Coelho e a exma. sra. d. Alice Torreão Coelho.

Agradecendo a amavel participação, desejamos aos noivos um largo futuro luminoso de amor e de venturas.

Lambrequins

Commendador Gonçalves entra numa sala. As senhoras desejam dançar mas não ha quem toque.

Appareça o commendador.

—O'commendador, sabe tocar piano?

—Devo saber . . . o meu pai sabia!

—

Entre hespanhóes.

—Acredita-me, se quizeres, mas la na minha provincia já existem vinhedos que produzem vinho em quina.

—E porque não heide acreditar?

Tambem lá na minha terra ha vacas que dão café com leite.

—

Em um exame de geometria:

P. —O que é uma pyramide?

R. —E' um monumento terminado em ponta, e sobre o qual se assentam 40 seculos contemplando o exercito francez . . .

Sobre a meza

ECHO DAS DAMAS, n. 4. Orgam dedicado aos interesses da mulher. Propriedade da intelligente escriptora Amelia Carolina da Silva Couto. Publica-se na corte. E' um periodico interessante e bem escripto.

Agradecemos a visita, e, respondendo á pergunta que nos fez á margem, affirmamos a collega que permutaremos com todo o prazer.

GAZETA SEMANAL, N. 2. Apparece na corte, sob a redacção dos srs. Affonso Pires, Sizenando Vianna, Arthur Coelho e Pereira da Silva.

Desejamos aos novos collegas prospero futuro.

MONITOR SUL MINEIRO, N. 783. Diz o seguinte a nosso respeito, que transcrevemos para vergonha eterna das agencias de correio que colleccionam jornaes a custa alheia.

«*Domingo* — Esta excellente revista litteraria de João d'El-Rei, queixa-se de nós nos termos seguintes:

— «*Monitor Sul-Mineiro*, n. 779. «Pensavamos que o illustre collega «tinha se esquecido de nós. Já para «muito mais de um mez que não nos «distinguia com a sua visita, que «aliás muito apreciamos. O seu reap«parecimento cá em casa alegrou«nos bastante. Assim não haja no«vo *eclypse*...»

Igual queixa podemos fazer ao collega, que, entretanto, acreditará que culpa alguma nos cabe na irregularidade que accusa.

Consideramos o *Domingo* uma das melhores publicações da provincia; — temos em grande apreço sua illustrada redacção e de modo algum podemos ser participantes em falta que lamentamos devéras, especialmente quando se dão com collegas do merecimento dos redactores da excellente revista são-joannense.»

Agradecemos ao provecto e illustre collega as expressões delicadas que nos dirige.

Desde que *O Domingo* publicou o seu 1.º numero começou a ser victima do correio e até hoje debalde levanta os seus protestos contra os prejuisos que lhe tem causado o serviço postal.

O que se hade fazer, neste paiz em que as classes menos favorecidos da fortuna não têm direitos nem garantias?

ACTA DA SESSÃO LITTERARIA SOLEMNE, convocada pelo *Congresso Academico Brasileiro*, em homenagem a Victor Hugo, e um exemplar do discurso proferido na occasião pelo talentoso academico João da Costa Lima Drummond.

Agradecemos.

Morte ao tempo

TODO o officio tem seus *ossos*!

Pensava eu que este de atirar ao tempo, ao contrario de todos os outros, não os tinha, e acabo de receber uma prova de que andei por muito tempo n'um engano d'alma ledo e cego!

Amarga desillusão!

Os meus leitores lembram-se de Til & K. Lino, a firma social mais pandegamente organisada que se tem visto?

Pois, estes dous enthusiastas do disparate, estes dous adoradores da calinada, converteram-se em figadaes inimigos da minha humilde pessoa e vieram demonstrar-me isso por meio de uma carta em que puzeram todo o fel de sua raiva e da sua grammatica!

Ingratos! Fiz-lhes reclame e elles me pagam d'este modo!

Vejam lá este pedacinho:

«Cremos que um cavalheiro attencioso não se referiria a nós tão grosseiramente, e si não fosse *reciar a perca* de nossa dignidade....»

Ameaçam-me os iconoclastas!

Olhem srs. Til & K. Lino a ordeme matar o tempo e não o Sing, e... deixemes de historias.

Não foi, porem, a unica missiva que recebemos, valha-nos isso.

G. N. (iniciaes de proposito escolhidas para que os *bilontras* não descubram a individualidade, que ellas occultam) enviou-nos as decifrações das *morfices* do numero passado e pede-nos o premio, porque suppõe não ter errado *d'esta vez*.

Nada mais justo.

Elle aqui está a sua disposição!

Eis as decifrações recebidas:

LOGOGRYPHO

Ambeloneira.

CHARADAS

Telegraphicas

Tagana — Taça — Pera.

Em quadro

C O T A
O D O R
T O G A
A R A O

Em Zig-Zag

Novissimas

Estudante — Matacão — Paraná.

—

Agora aguçai a perspicacia que o premio é daquelles de dar volta ao miolo (de quem o tem, está visto).

—

LOGOGRIPHO

Vegetal 1, 2, 7, 11
Vegetal 11, 3, 10, 4
Vegetal 8, 6, 7, 8, 9
Vegetal 5, 6, 5, 4, 8, 6
Vegetal

—

CHARADAS

EM QUADRO

Peixe
Pedra
Dansa
Acepipe

—

EM ZIG-ZAG

Soldado
Tecido
Embarcação.

São poucas d'esta vez, porém decifrai-as si sois capazes, numerosissimos *temporicidas*.

TONG-KONG-SING

Correspondencia

SR. ARLINDO. — O seu artigo em prosa sempre tem alguma grammatica, porém os seus versos não têm nem sombra de metrificação. Não publicamos aquelle por ser muito extenso e tratar de uma questão muito debatida; estes vão para o Limbo pelo motivo exposto acima. Desculpe-nos — e applique-se.

SR. JOSÉ PEREIRA DE SOUZA. — (S. José, das Tres-Ilhas) O dinheiro que tem d'aquelles quatro sujeitos queira distribuir em esmolas aos pobres dessa freguezia. E diga nos mesmos quatro que o que nós queriamos era provar o nosso direito. Fomos cortezes e elles mostraram-se atrazadissimos em regras de educação. Não recebemos essa quantia por que *O Domingo* não quer macular-se com assignantes de tal jaez. E assim fica tudo decidido.

Cada dia parece augmentar a sucia desses ratões, que vivem por ahi á querer ler de graça a nossa folha, ficando todos zangados se lhes chega ás mãos o competente recibo! E' uma calamidade!

Annuncios

EXTERNATO S. EMILIA

Director - Jorge Rodrigues

MATERIAS DE ENSINO

Curso primario e secundario comprehendendo os preparatorios necessarios a matricula nas academias do imperio

MENSALIDADES

Curso primario. . . . . 5$000 Curso secundario. . . 10$000

Os pagamentos serão feitos a mez vencido, ou adiantadamente, consoante prévia convenção.

No fim de cada mez distribuir-se-á aos respectivos interessados um boletim, registrando a frequencia, comportamento e applicação dos alumnos.

Auxiliado por distinctos professores já bastante conceituados nesta cidade, o director espera tornar o seu modestissimo estabelecimento digno da confiança publica.

As aulas começaram a funccionar no dia 4 do corrente, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

7--PRAÇAS DAS MERCÊS--7